

No passo do desconhecido: redescobrimo o Cemitério das Irmandades de Jaguarão como um Bem Cultural e Turístico

Larissa Bitar Duarte¹

Susana Gastal²

Resumo

O presente estudo analisa o Cemitério das Irmandades de Jaguarão (RS) como um potencial produto cultural e turístico. Utilizando uma metodologia qualitativa, a análise se baseia em uma revisão bibliográfica de artigos, dissertações e teses, acrescida de fontes históricas clássicas. A pesquisa explora as evidências de memória, identidade e arte tumular presentes na necrópole, demonstrando sua importância como expressão cultural contida em um produto turístico. O objetivo é resgatar e valorizar essas informações para transformar o cemitério em um atrativo turístico, similar a exemplos de outras cidades e países que promovem o desenvolvimento cultural local através do turismo cemiterial. Os resultados revelam que o Cemitério das Irmandades possui um acervo diversificado de elementos e estilos artísticos, como mármore, granito, madeira, gesso, estátuas e figuras simbólicas. Este acervo evidencia a riqueza arquitetônica e cultural de Jaguarão e oferece informações para educadores, historiadores, museólogos e turistas. O estudo destaca a necessidade de conservação e proteção do patrimônio cemiterial frente às mudanças climáticas e à passagem do tempo, garantindo a preservação das identidades culturais representadas. Transformar o Cemitério das Irmandades em um produto cultural, através da gestão cultural, contribuirá para a valorização do patrimônio local, atraindo visitantes interessados em história, arquitetura e turismo cemiterial. Assim, o cemitério pode se estabelecer como um museu a céu aberto, fortalecendo a identidade de Jaguarão no contexto histórico do Rio Grande do Sul.

Palavras-Chave: Turismo cultural; Turismo cemiterial, Memória e Patrimônio.

1. Introdução

O segmento *turismo cemiterial*, a exemplo de outras vertentes do turismo cultural, ganha reconhecimento e atrai adeptos para prática no Brasil e no exterior, ao valorizar e preservar arte, história, identidade e memória coletiva das comunidades. Tanto para moradores como para visitantes, ao expressar identidades únicas, as necrópoles associam a si significativa carga simbólica, que leva ao incentivo da convivência entre diferenças sociais e religiosas. Além disso, desempenham importante papel na preservação da arte tumular e de outros adereços funerários materiais e simbólicos, nelas presentes. Por sua riqueza em termos de bens materiais e imateriais, não é raro propor-lhes tratamento como equivalentes a museus a céu aberto.

O Cemitério das Irmandades, objeto do presente estudo, localiza-se na cidade de Jaguarão, no extremo sul do Brasil. Trata-se de região de fronteira, que a aproxima da uruguaia cidade de Rio Branco, local que no período colonial, foi palco de conflitos entre as coroas de Portugal e Espanha, em disputas pela posse deste território. Tal situação histórica e geográfica

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (PPGTURH-UCS); mestra em Desenvolvimento Regional da Faculdades Integradas de Taquara; turismóloga pela Universidade Católica de Pelotas; larissa.bitar@gmail.com

²Professora Doutora Titular na Universidade de Caxias do Sul. Pesquisador e Orientador do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da UCS; susanagastal@gmail.com

legou à Jaguarão certa centralidade geopolítica, dela decorrendo como legado, um patrimônio expressivo da formação do sul do Brasil. Seu rico acervo arquitetônico, com mais de 650 prédios catalogados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por exemplo, torna-se testemunha viva e significativa do período. Neste rol inclui-se o campo santo, com seu acervo sui generis que, entre outros, é fonte para o conhecimento da história pregressa e de seus desdobramentos contemporâneo. A fundação ocorreu em 1855, devido pandemia de Cólera (*Cholera Morbus*) que, em Jaguarão, ocasionou 329 mortes, por iniciativa das irmandades do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Conceição, que:

[...] organizaram a planta baixa do cemitério, que se encontra no alto da colina a oeste da cidade, ocupando uma área de 13.512m². [...] dividido em duas alas – na ala direita estão os túmulos pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição e na ala esquerda estão os mortos da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Ao fundo do corredor, que divide as duas alas, foi construída uma pequena igreja [...], com uma identidade explícita na fachada, com referências maçônicas e católicas em sua simbologia. Os muros laterais, esquerdo e direito, revelam essa intenção, uma vez que neles estão gravadas as inscrições das Irmandades em que se destacam: ‘Sacramento’, de um lado, e ‘Conceição’, do outro. Acima dessas inscrições, está lapidado um globo com uma cruz sobreposta, simbolizando a presença da Igreja Católica (SOARES, 2011, p. 142-143)

No Cemitério, inaugurado em 1858, estão jazigos de figuras proeminentes, que desempenharam papéis significativos na história regional, além de “capelas, túmulos monumentais, túmulos simples, ossários, mausoléus. Neles, estão contidos elementos de uma simbologia, que nos remetem ao tempo de sua construção, o que permite uma leitura do significado daquele morto ali sepultado, para a comunidade” (SOARES, 2011 p. 143). O Cemitério das Irmandades de Jaguarão, portanto, é reflexo palpável da diversidade cultural e dos costumes regionais, acervando uma rica variedade de estilos arquitetônicos funerários, nos elementos que abriga. Esses estilos, demarcando épocas distintas, também testemunham mudanças nos hábitos e nas práticas socioculturais locais, ao longo do tempo.

Como destacado por Rezende (2007), para além do artístico a arte funerária se liga a contextos ideológicos, sociais e econômicos, subjacentes à vida e à morte, inerentes a modos de ser-estar no mundo, próprios a cada sociedade em diferentes momentos. Nesse sentido, o presente artigo apresenta investigação centrada no referido Cemitério das Irmandades de Jaguarão, partindo-se do pressuposto de se tratar de espaço relevante como expressão histórico-cultural, patrimonial e artística, permitindo considerar suas possibilidades de contribuição para com a diversificação da oferta turística local. Assim, para presente reflexão, destacam-se como indicadores ‘memória’, ‘patrimônio’ e ‘turismo’.

2 Memória

À memória, entendida como a habilidade humana para acervar e recuperar / acionar informações vivenciadas (ou não), leva a que seu estudo permeie diversos campos do conhecimento. Para Le Goff (2003, p. 423), a “memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. O mesmo teórico traz Pierre Janet para acentuar que “o ato mnemônico fundamental é o ‘comportamento narrativo’ que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois que é comunicação” (LE GOFF *apud* JANET, p. 425), essencial para transmitir informações e impressões de um momento anterior, passado, para um momento contemporâneo, em que aquelas não mais estejam presentes em sua forma original.

Le Goff (2003, p. 206) nos leva a refletir sobre outra questão importante, qual seja, a constituição da memória individual e da memória coletiva.

Com efeito, a grande diferença é que a criança – não obstante as pressões do ambiente exterior – forma em grande parte a sua memória pessoal, enquanto que a memória social histórica recebe os seus dados da tradição e do ensino, aproximando-se, porém, do passado coletivo [...] enquanto construção organizada.

A memória coletiva identifica-se com motivações que produzam significado para cada grupo específico de pessoas, valorizando a importância dos objetos que a expressam, podendo ser atualizados explícita ou implicitamente em textos poéticos, monumentos, esculturas, ritos ou até mesmo em cemitérios, que de diferentes modos acionam recordações e emoções. Assim, infere-se que a memória consiste em lembranças, reminiscências e vestígios que servem como registros, ato contínuo, impactando a construção de identidades individuais e coletivas.

Por tratar-se de *comportamento narrativo*, portanto dinâmico, a memória sofre atualizações ao longo do tempo, em decorrência, impactando o *redesenho* das identidades, ao afirma-las ou mesmo reafirma-las. Dentro desse contexto, para Ranger (2002) a própria concepção de identidade cultural dialoga com a memória, pois será esta que alimentará princípios, valores e traços que distinguem culturas, povos e comunidades, umas em relação a outras. A construção de identidade[s], ao moldar um determinado grupo, apropria-se de valores e expressões culturais, incorporando-os a sua história coletiva, para então transmiti-los às gerações futuras.

Henri Bergson (1999), ao refletir sobre a natureza e a função da memória, destaca sua interação com a percepção. Bergson vê a memória não apenas como uma ferramenta para armazenar e recuperar informações passadas, mas como um mecanismo dinâmico que intercala

o passado no presente. Ele sugere que a memória condensa vários momentos em uma única intuição, permitindo aos sujeitos experimentar o tempo de maneira não linear e profundamente subjetiva. Isso significa que, para ele, a memória não é um mero arquivo de eventos passados, mas uma força ativa que molda como se percebe e se responde ao mundo ao redor.

Para o mesmo autor, percepções passadas podem semantizar as experienciadas em momento subsequente. O processo de evocação seria fundamental para capacidade de realizar julgamentos e tomar decisões, pois a memória forneceria contextos mais amplos para entender e interpretar experiências atuais. Ao recordar o acontecido em momento anterior, similitudes seriam construídas com auxílio da memória. Tal concepção, de que a memória seleciona imagens passadas tratadas como análogas, projetando novas percepções, destaca seu papel ativo nas subjetivações. Tais percursos de construção de sentido não são passivos, mas resultado de escolhas ativas, com implicações significativas sobre as formas de interação psicossociais.

Bergson (1999), na mesma linha de Le Goff, não vê a memória como estática ou mero *depósito* de eventos passados, mas como uma presença manifesta, constante e dinâmica, influenciando percepções e ações, mesmo que não de maneira explícita ou consciente. Importante na teoria do autor o conceito de ‘duração’, para descrever uma experiência de tempo que é fluida e contínua, em contraposição à ideia de tempo como uma sequência de momentos isolados e quantificáveis. Argumenta que a experiência humana de memória é parte integrante dessa duração: não regressamos ao passado quando lembramos, mas, na verdade, trazemos o passado para o presente, ressaltando a concepção de memória como força ativa e formadora, que não apenas responde ao presente, mas que molda ativamente a maneira como experimentamos e interagimos com o mundo.

Bergson também concebe o corpo humano como ‘ponta movente’, impulsionada pelo passado em direção ao futuro. Enfatiza a ideia de estar-se constantemente como sendo formado e reconfigurado por experiências passadas, mesmo enquanto nos movemos teleologicamente no tempo. A memória, neste sentido, não é só uma ferramenta para recordação, mas uma fonte de potencial criativo e adaptativo. Ela nos permite responder de forma variada a situações repetidas e inventar novas abordagens para desafios futuros. Entender a memória como Bergson propõe, permite uma apreciação mais rica da capacidade humana para a inovação e adaptação. A memória não nos confina ao passado; pelo contrário, ela nos capacitaria a enfrentar o futuro com um repertório expandido de respostas e soluções. Isso é particularmente relevante em contextos que exigem resiliência e criatividade, como em momentos de mudança ou desafio pessoal e coletivo. Não significa dizer que o passado se configure como espaço de isento de conflitos. Ao contrário:

O passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade). Pensar que poderia existir um entendimento fácil entre essas perspectivas sobre o passado é um desejo ou um lugar-comum (SARLO, 2007, p. 9).

Beatriz Sarlo (assim como Le Goff) explora a complexa relação entre memória e história, destacando o conflito intrínseco entre essas duas formas de acessar e entender o passado. Sarlo sugere que a história e a memória operam sob lógicas diferentes e muitas vezes conflitantes. Enquanto a história tende a buscar uma narrativa objetiva e coesa, fundamentada em evidências verificáveis, a memória é subjetiva, pessoal e emocionalmente carregada, frequentemente focada em preservar lembranças significativas para os indivíduos ou comunidades. O ‘conflito’, assim, estaria na dificuldade em conciliar a objetividade da história com a subjetividade da memória. A história pode, às vezes, descartar certas memórias por falta de evidência concreta ou por não alinhamento com outras narrativas, predominante. Por outro lado, a memória pode resistir às interpretações históricas que parecem desvalorizar ou ignorar as experiências vividas e os sentimentos das pessoas envolvidas.

A autora ainda menciona os ‘direitos da lembrança’, que incluem o direito à Vida, à Justiça e à Subjetividade. Tais direitos sugerem que as memórias individuais ou coletivas têm um valor intrínseco, defendendo a necessidade de respeitar e preservá-las como parte da dignidade humana. Essa ideia é fundamental, especialmente em contextos de justiça transicional ou em sociedades pós-conflito, onde reconhecer as memórias das vítimas é crucial para a cura e a reconciliação. Sarlo também critica a noção de que possa haver um ‘entendimento fácil’ entre memória e história, classificando tal esperança como um desejo ingênuo ou mesmo como um clichê.

Essas observações apontam para a complexidade das interações entre memória e história e a necessidade de abordagens mais matizadas que reconheçam as limitações e os desafios de cada perspectiva ao lidar com o passado. Na sua análise, Sarlo alerta sobre a necessidade de um diálogo crítico e consciente entre história e memória, reconhecendo que ambas desempenham papéis fundamentais na forma como compreendemos, representamos e aprendemos com o passado. Este diálogo é essencial para construir narrativas mais inclusivas e justas que respeitem as muitas vozes e experiências que compõem o tecido social.

2. Turismo Cultural e Cemiterial

O crescente interesse pelo turismo cultural não é um modismo passageiro, mas está ligado a uma demanda decorrente do envelhecimento da população e na autonomia de jovens para deslocamentos e viagens. Gastal (2010, p. 165) acrescenta à essa reflexão, outros fatores:

Ao longo do século XX, a presença das tecnologias eletrônicas foi responsável por ampliar e diversificar as plateias, agora globalizadas, e aprofundar a questão estética, ante os novos hardwares e softwares colocados à disposição dos criadores. Houve, ainda, a imposição da profissionalização qualificada, pois o século XXI nos coloca frente a um mercado que envolve cifras de muitos dígitos e um público consumidor cultural que não mais tolera o diletante bem-intencionado, por melhores que sejam as suas boas intenções. A reflexão teórica, e não necessariamente acadêmica, tem acompanhado as novas performances da área [...]. O novo olhar teórico levou à ampliação do número de fazeres, reconhecidos como culturais. Beneficiaram-se a gastronomia, a música popular e toda uma série de bens imateriais, antes relegados a 'coisas do povo', não merecedoras do status e do reconhecimento como Arte e Cultura.

Poderíamos acrescentar a lista de bens culturalmente revalorizado, os cemitérios, em muitos casos beneficiando-se do interesse do turismo por seus espaços. Convém lembrar que a partir dos anos 1970, o turismo cultural esteve entre os motivadores de revitalizações de áreas urbanas e que também levaram ao fortalecimento do senso de pertencimento. O turismo cultural e cemiterial emerge nesses contextos como uma interseção entre a apropriação histórica e a valorização patrimonial, oferecendo experiências que conectam visitantes às comunidades locais. Ao visitar locais de significado histórico e cultural, como cemitérios, nem sempre reconhecidos como tal pelas localidades, os turistas auxiliam na preservação e valorização desse patrimônio. O olhar do turista pode evidenciar que momentos derradeiros da vida humana se dão repletos de riqueza em termos de arte, arquitetura e rituais, que valorizam a melhor compreensão de uma determinada sociedade.

Schwab e Pereira (2017) discutem a importância dos cemitérios como monumentos culturais, ressaltando tratar-se de lugares de recordação, onde estão presentes elementos que buscam eternizar vidas que, por ali registradas, mostram-se na sua finitude. Por sua vez, consideram que as memórias coletivas se associam a grupos sociais e que estilos de sepultamento e ritos de partida revelam como a cada sociedade valoriza e preserva a memória dos falecidos. Os cemitérios trazem a morte e os mortos para uma 'pseudo-existência mnêmica', tanto externamente, nos monumentos mortuários, quanto internamente, nas memórias que as pessoas mantêm dos seus entes que se foram.

A visita a um cemitério envolve dupla relação: a do sujeito com o espaço e a do sujeito com os mortos. Nessa relação entre sujeito e espaço, Meneses (2006) propõe refletir sobre turismo e história, que estão interligados em discussões que envolvem a interpretação da cultura passada e presente. O turismo, ao organizar possibilidades interpretativas de manifestações

culturais, transforma espaços e objetos em produtos turísticos. A busca para fins turísticos de produtos histórico-culturais é uma forma de conectar a herança cultural de outros tempos com o presente, promovendo um diálogo entre passado e futuro. Nesse contexto, o turismo cultural gera recursos econômicos, que podem contribuir para com conservação do patrimônio material e imaterial.

Andrade (1976) argumenta que o turismo cultural motiva os deslocamentos para encontros artísticos, científicos, de formação e informação, caracterizando-se por uma permanência prolongada e um contato mais íntimo com a comunidade. Este tipo de turismo envolve um público específico, geralmente com maior nível de escolaridade e interesse em experiências culturais menos banais, que valorizam o patrimônio visitado. Mas, o excesso de visibilidade também pode levar a danos ao patrimônio, significando que, neste caso, a participação da comunidade, assim como uma estrutura receptiva focada na educação patrimonial, são fundamentais para promover cuidados e preservação (MENEZES, 2006).

Reforce-se, portanto, que o turismo cultural, se bem planejado e gerenciado, fomenta recursos econômicos, atrai visitantes, podendo contribuir para com o desenvolvimento sustentável da região, mas para tal deve garantir a integração da comunidade local no processo e a autenticidade das experiências oferecidas. Buscando tais objetivos, o segmento turismo cultural busca o patrimônio material e imaterial, presentes entre outros nos cemitérios, para formatar produtos. Trata-se, portanto, de segmento que envolve públicos específicos, motivado a participar e compreender o conteúdo cultural de tal patrimônio.

Já Lanci da Silva (2007) argumenta que o turismo moderno, a partir do século XX, envolve a construção cenográfica de lugares turísticos (mais recentemente associados à locais *instagramáveis*), encaminhamento criticado por sua desvinculação com a cultura, identidade e história locais. Contudo, Rodrigues (1985) entende que essas construções, ao satisfazerem o imaginário dos turistas, promovem um desenvolvimento econômico positivo, ainda que muitas vezes artificial. Essa crítica levanta uma reflexão importante sobre a autenticidade das experiências turísticas e a necessidade de um equilíbrio entre preservação cultural e desenvolvimento econômico.

Ainda no século passado, a atividade turística tornou-se um produto de consumo de massa, mesmo no segmento cultural, fomentada por eventos culturais. Refletindo sobre a questão, Funari e Pinsky (2005) reforçam que a atividade turística, impulsionada por diversas atividades, valorizou o patrimônio cultural, integrando-o em um contexto mais amplo de consumo cultural. A valorização do patrimônio cultural no turismo se tornou um elemento

essencial para a preservação e revitalização de áreas urbanas, promovendo a sustentabilidade e a inclusão social.

Considerando que o cemitério é um bem patrimonial, sua inclusão em roteiros turísticos urbanos é uma forma de valorizar culturalmente os campos santos, organizando recortes geográficos e visitas guiadas. São exemplos o Cemitério da Recoleta, em Buenos Aires, e o Highgate em Londres, necrópoles turisticamente exploradas, gerando lucro e desenvolvimento nas cidades onde estão localizados. Osman e Ribeiro (2007) destacam que, embora o turismo de necrópole seja uma tradição consolidada em algumas partes do mundo, como a Europa, no Brasil ainda é um segmento pouco apropriado pelo turismo. Contudo, esses espaços, com seu acervo tumular e potencial para educação patrimonial, podem contribuir significativamente para o desenvolvimento e divulgação histórico-cultural.

Essa relação entre turismo e cultura, especialmente no contexto do turismo cemiterial, envolve uma reflexão profunda sobre a maneira como esses espaços são percebidos e valorizados. Na perspectiva de Manhães (2010) poucos lugares despertam tantos sentimentos diferentes nas pessoas como os cemitérios, que podem provocar reações variadas desde a evitação até o fascínio. O turismo cemiterial, ao explorar esse complexo de emoções e percepções, pode produzir um efeito de atração baseado nos sentimentos relativos entre a vida e a morte, oferecendo uma experiência diversificada em significado cultural e emocional.

Diante disso, os chamados campos santos, com sua pluralidade milenar, contêm elementos materiais que conferem certa imortalidade ao lugar. Elementos como cruzeiros, epitáfios, estátuas e símbolos maçônicos remetem àqueles que estão sepultados, auxiliando para a preservação de suas memórias. Cemitérios como o da Recoleta e o Highgate exemplificam como o turismo cemiterial pode transformar necrópoles em museus a céu aberto, promovendo o consumo cultural e fortalecendo a identidade das cidades no contexto histórico.

[...] um museu a céu aberto, repleto de significados e representações que nutrem a imaginação daqueles que o visitam. [...] os cemitérios perdem aos poucos o seu aspecto mórbido e desolador para tornarem-se um local de convivência e sociabilidade. Por guardarem os restos mortais de figuras ilustres tornam-se guardiões da cultura e da memória de seu povo (ISMÉRIO, 2013, p.3).

No mesmo enfoque, Cabanas e Ricci (2008) perceberam que a necrópole é um microcosmo, uma cidade dentro de outra cidade, reunindo pessoas célebres, símbolos, arquitetura, história e curiosidades que enaltecem a cultura local. Atualmente, o turismo é uma atividade econômica promissora, contribuindo para o desenvolvimento de várias localidades. Por conseguinte, a apropriação do turismo histórico-cultural é uma fonte de renda com

capacidade de desenvolvimento para a população, promovendo a valorização dos pontos turísticos e impulsionando negócios locais.

Haja vista as mudanças sociais, políticas e econômicas que transformaram a concepção de morte, propiciando novas formas de exploração dos campos santos. A inclusão de cemitérios em roteiros turísticos, organização de visitas guiadas e venda de material informativo são práticas que fortalecem o turismo cemiterial. Este segmento turístico envolve dimensões econômicas, sociais, culturais, científicas, educativas e éticas, oferecendo uma visão multidisciplinar do patrimônio cultural. A exploração turística de necrópoles, embora ainda incipiente no Brasil, tem potencial para gerar desenvolvimento econômico e cultural significativo. Cemitérios mundialmente famosos, mostram que a valorização do acervo tumular e a promoção da educação patrimonial podem transformar esses espaços em importantes atrativos turísticos.

3. Considerações finais

O presente estudo analisou o Cemitério das Irmandades de Jaguarão como um potencial produto cultural e turístico, destacando sua relevância histórica, arquitetônica e cultural. A pesquisa mostrou o cemitério como espaço de sepultamento local de memória coletiva e identidade cultural, onde a memória, identidade e arte tumular se entrelaçam para formar a essência desse bem patrimonial. Os elementos artísticos presentes no Cemitério das Irmandades, como mármore, granito, madeira, gesso, estátuas e figuras simbólicas, evidenciam o potencial arquitetônica e cultural de Jaguarão. Entretanto, a população local parece desconhecer tal importância.

Pesquisa realizada por Del Puerto, Silva e Cunha (2018) no Cemitério das Irmandades, em Jaguarão, constatou que ali, entre os visitantes a maioria tem idade entre 25 e 60 anos (63%) e que 90% residem no próprio município, os restantes sendo provenientes de cidades próximas, a visitação sendo para homenagem e recordação do ente querido (PUERTO; SILVA; CUNHA, 2018).

Segundo Puerto, Silva e Cunha (2018), foi feita referência à antiguidade dos túmulos e jazigos presentes no Cemitério das Irmandades, e também foram utilizados termos relacionados à temporalidade, como arte, arquitetura, história, obras de arte, esculturas, estrutura cemiterial e o apreço pela estética tumular. Nesse contexto, os participantes evidenciaram a compreensão da relevância histórica, arquitetônica e patrimonial da arte e iconografia tumular, reconhecendo-as como capazes de preservar a memória social e, conseqüentemente, serem consideradas

patrimônio cultural. Através dessas expressões artísticas, é possível relatar parte da história de Jaguarão e das pessoas que ali viveram em um período de prosperidade e opulência.

Este acervo diversificado possui informações para educadores, historiadores, museólogos e turistas, nisso a valorização do cemitério como um lugar de memória coletiva é essencial para a conservação e proteção do patrimônio cemiterial frente às mudanças climáticas e à passagem do tempo. Transformar o Cemitério das Irmandades em um produto cultural através da gestão cultural contribuirá para a valorização do patrimônio local e atrairá visitantes interessados em história, arquitetura e turismo cemiterial.

A integração do cemitério aos roteiros turísticos de Jaguarão irá fortalecer a identidade da cidade no contexto histórico do Rio Grande do Sul, promovendo o desenvolvimento cultural local, sendo que, a preservação e a valorização do Cemitério das Irmandades como um espaço de memória e turismo cultural é uma estratégia. Assim, como essa transformação do campo santo em um museu a céu aberto contribui para a conservação. Por fim, a discussão revelou que os cemitérios são locais de memória coletiva e identidade cultural, onde as lembranças dos falecidos são eternizadas através de elementos artísticos. Ao visitar esses espaços, os turistas consomem cultura, participam da preservação e valorização do patrimônio.

Ao aplicar essas ideias ao contexto de um cemitério, como o Cemitério das Irmandades, podemos perceber que a experiência de visitar tal lugar é profundamente influenciada pela memória. Cada visitante traz consigo um conjunto de memórias pessoais e coletivas que interagem com as percepções do espaço, dos monumentos e dos símbolos funerários. Esta interação entre memória e percepção confere ao cemitério múltiplas camadas de significado, tornando-o um espaço onde o passado é constantemente lembrado e reinterpretado no presente. Isso ressalta a relevância de tais espaços não apenas como locais de luto, mas como locais de memória viva, onde as narrativas históricas e pessoais se entrelaçam em uma conexão entre o passado e o presente, permitindo vislumbrar o futuro.

Haja vista as atribuições de um espaço museal, consideraremos o cemitério próximo à essência de um museu, onde a educação patrimonial é compreendida através da memória existente, podemos observar que tais espaços não se limitam a ser depósitos de artefatos, se configuram como locais vivos de interpretação do passado. Eles atuam como pontos de encontro onde memórias individuais e coletivas se entrelaçam, permitindo que as gerações presentes não apenas visualizem, mas também interajam com a história através de uma perspectiva educacional e de engajamento. A função dos museus se expande para além da

conservação, tornando-se catalisadores para a compreensão e a valorização da herança cultural, estimulando o diálogo contínuo entre o passado e o presente.

De acordo com Silva e Soares (2011), a experiência museológica é vista como uma experiência interativa que o visitante constrói de forma contínua, baseada na interseção de quatro contextos: pessoal, físico, sociocultural e temporal. O contexto pessoal envolve os conhecimentos, preocupações e interesses do visitante, enquanto o contexto físico refere-se à arquitetura do ambiente interativo e aos objetos em exibição. O contexto sociocultural se manifesta quando o visitante interage com outros indivíduos, grupos ou funcionários do museu. Já o contexto temporal refere-se à aprendizagem no museu, que é entendida como processual, ocorrendo em diferentes momentos para cada pessoa.

A afirmação de Silva e Soares (2011) sobre a experiência museológica destaca a natureza interativa e multidimensional da aprendizagem em espaços dedicados à memória e à cultura. Essa perspectiva pode ser igualmente aplicada ao contexto de um cemitério como o Cemitério das Irmandades, visto que este espaço, além de sua função primordial de sepultamento, pode ser considerado um museu a céu aberto onde a história é preservada e explorada.

No contexto pessoal, visitantes do cemitério trazem suas memórias, sentimentos e curiosidades, influenciando diretamente sua experiência no local. O contexto físico é representado pela arquitetura dos túmulos e mausoléus, que refletem estilos artísticos e tendências de épocas distintas, mas também pela disposição espacial que pode evocar reflexão e emoção. Social e culturalmente, o cemitério funciona como um ponto de encontro para práticas comemorativas e rituais que reforçam laços comunitários e a continuidade cultural.

Por fim, o contexto temporal no cemitério é evidenciado pela maneira como diferentes épocas são representadas e lembradas, cada visitante se conecta com a história em seu próprio ritmo, processando e integrando a aprendizagem de maneira única. Portanto, assim como nos museus, a experiência em um cemitério é profundamente pessoal, culturalmente enraizada e temporalmente diversificada. A transformação do campo santo em um produto cultural turístico, pode atrair visitantes interessados na história e na cultura de Jaguarão, promovendo a preservação e valorização deste patrimônio singular. Esse artigo está dividido em Introdução, em que se relatou brevemente sobre o objeto de análise, Guardiões do Passado: A Preservação da Memória e do Patrimônio Cultural que versa sobre a memória e o patrimônio, seguido pelo Turismo cultural e cemiterial que reflete sobre os conceitos desse tema, finalizando com as considerações finais.

Referências

- ANDRADE, J. E. *Turismo Cultural: Encontros Artísticos e Científicos*. São Paulo: Cultura Editora, 1976.
- BATISTA, F. *A Demanda Intelectual no Turismo Cultural*. Revista de Estudos Turísticos, v. 4, n. 2, p. 85-98, 2005.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BURKE, P. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CABANAS, R.; RICCI, F. *Necrópoles como Microcosmos Culturais*. Buenos Aires: Editorial Necro, 2008.
- DEL PUERTO, Charlene Brum; SILVA, Alice Leoti; CUNHA, Gustavo Rezende. *Turismo no Cemitério das Irmandades em Jaguarão/RS-Brasil: um projeto de ensino para desenvolvimento do turismo no espaço cemiterial*. RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 4, 2018.
- FUNARI, P.; PINSKY, C. *Turismo e Patrimônio Cultural: Uma Relação Sustentável*. Rio de Janeiro: Editora Cultural, 2005.
- GASTAL, Susana. *TURISMO E PATRIMÔNIO. Em tempos de globalização*. Rosa dos Ventos, v. 2, n. 2, p. 165-167, 2010.
- ISMÉRIO, Clarisse. *Preservando o Patrimônio Cultural dos Cemitérios: Estudo sobre os cemitérios de Porto Alegre e Bagé*. Revista Memória em Rede, Pelotas, v. 3, n. 8, jan./jun. 2013. Disponível em: <www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede> Acesso em: 26 de maio 2024.
- LANCI DA SILVA, R. *Turismo Moderno e Construções Cenográficas*. São Paulo: Editora Turística, 2007.
- LE GOFF, Jacques et al. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- MANHÃES, P. *Sentimentos e Emoções nos Cemitérios*. São Paulo: Editora Funerária, 2010.
- MENENSES, C. *Turismo e História: Interpretação da Cultura Passada e Presente*. Revista de Turismo Cultural, v. 3, n. 1, p. 12-29, 2006.
- OSMAN, J.; RIBEIRO, T. *Turismo de Necrópole: Uma Perspectiva Global*. Porto Alegre: Editora Memorial, 2007.
- RANGER, M. M. *Educação patrimonial: conceitos sobre o patrimônio cultural*. Reflexões e contribuições para a educação patrimonial. Belo Horizonte, 2002.
- REZENDE, G. R. *Turismo e Memória no Século XXI*. São Paulo: Editora Contemporânea, 2007.
- RODRIGUES, A. *Imaginário Turístico e Desenvolvimento Econômico*. Lisboa: Edições Turísticas, 1985.

SARLO, B. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHWAB, C. B.; PEREIRA, L. A. *Cemetery Tourism: A tour proposal based on the tourist potential of the civil cemetery in Santa Vitória do Palmar (RS), Brazil*. Applied Tourism, v. 2, n. 2, p. 180-197, 2017.4.

En el paso del desconocido: redescubriendo el Cementerio de las Hermandades de Jaguarão como un Bien Cultural y Turístico

Resumen

El presente estudio analiza el Cementerio de las Hermandades de Jaguarão (RS) como un potencial producto cultural y turístico. Utilizando una metodología cualitativa, el análisis se basa en una revisión bibliográfica de artículos, disertaciones y tesis, complementada con fuentes históricas clásicas. La investigación explora las evidencias de memoria, identidad y arte funerario presentes en la necrópolis, demostrando su importancia como expresión cultural contenida en un producto turístico. El objetivo es rescatar y valorizar esta información para transformar el cementerio en un atractivo turístico, similar a ejemplos de otras ciudades y países que promueven el desarrollo cultural local a través del turismo cementerial. Los resultados revelan que el Cementerio de las Hermandades posee un acervo diverso de elementos y estilos artísticos, como mármol, granito, madera, yeso, estatuas y figuras simbólicas. Este acervo evidencia la riqueza arquitectónica y cultural de Jaguarão y ofrece información para educadores, historiadores, museólogos y turistas. El estudio destaca la necesidad de conservación y protección del patrimonio cementerial ante los cambios climáticos y el paso del tiempo, garantizando la preservación de las identidades culturales representadas. Transformar el Cementerio de las Hermandades en un producto cultural, a través de la gestión cultural, contribuirá a la valorización del patrimonio local, atrayendo visitantes interesados en la historia, la arquitectura y el turismo cementerial. Así, el cementerio puede establecerse como un museo al aire libre, fortaleciendo la identidad de Jaguarão en el contexto histórico de Río Grande del Sur.

Palabras clave: Turismo cultural; Turismo cementerial; Memoria y Patrimonio.

Au seuil de l'inconnu : redécouvrir le Cimetière des Confréries de Jaguarão comme un Bien Culturel et Touristique

Résumé

Cette étude analyse le Cimetière des Confréries de Jaguarão (RS) comme un produit culturel et touristique potentiel. En utilisant une méthodologie qualitative, l'analyse se base sur une revue bibliographique d'articles, de dissertations et de thèses, enrichie par des sources historiques classiques. La recherche explore les traces de mémoire, d'identité et d'art funéraire présentes dans la nécropole, démontrant son importance en tant qu'expression culturelle intégrée à un produit touristique. L'objectif est de récupérer et de valoriser ces informations pour transformer le cimetière en une attraction touristique, à l'instar d'autres villes et pays qui promeuvent le développement culturel local à travers le tourisme funéraire. Les résultats révèlent que le Cimetière des Confréries possède un ensemble diversifié d'éléments et de styles artistiques, tels que le marbre, le granit, le bois, le plâtre, des statues et des figures symboliques. Ce patrimoine reflète la richesse architecturale et culturelle de Jaguarão et offre des informations pour les éducateurs, historiens, muséologues et touristes. L'étude souligne la nécessité de conserver et de protéger le patrimoine funéraire face aux changements climatiques et au passage du temps, garantissant ainsi la préservation des identités culturelles représentées. Transformer le Cimetière des Confréries en un produit culturel par la gestion culturelle contribuera à la valorisation du patrimoine local, attirant des visiteurs intéressés par l'histoire, l'architecture et le tourisme funéraire. Ainsi, le cimetière peut s'établir comme un musée à ciel ouvert, renforçant l'identité de Jaguarão dans le contexte historique du Rio Grande do Sul.

Mots-Clés : Tourisme culturel; Tourisme funéraire; Mémoire et Patrimoine.

On the Path of the Unknown: Rediscovering the Cemetery of the Brotherhoods of Jaguarão as a Cultural and Touristic Asset

Abstract

This study analyzes the Cemetery of the Brotherhoods of Jaguarão (RS) as a potential cultural and touristic product. Using a qualitative methodology, the analysis is based on a bibliographic review of articles, dissertations, and theses, supplemented by classic historical sources. The research explores the evidence of memory, identity, and funerary art present in the necropolis, demonstrating its importance as a cultural expression within a touristic product. The objective is to recover and enhance this information to transform the cemetery into a tourist attraction, similar to examples from other cities and countries that promote local cultural development through cemetery tourism. The results reveal that the Cemetery of the Brotherhoods has a diverse collection of elements and artistic styles, such as marble, granite, wood, plaster, statues, and symbolic figures. This collection highlights the architectural and cultural richness of Jaguarão and offers information for educators, historians, museum curators, and tourists. The study emphasizes the need for the conservation and protection of the cemetery's heritage against climate change and the passage of time, ensuring the preservation of the cultural identities represented. Transforming the Cemetery of the Brotherhoods into a cultural product through cultural management will contribute to the appreciation of local heritage, attracting visitors interested in history, architecture, and cemetery tourism. Thus, the cemetery can establish itself as an open-air museum, strengthening Jaguarão's identity in the historical context of Rio Grande do Sul.

Keywords: Cultural tourism; Cemetery tourism; Memory and Heritage.